

Nº 20
VOLUME 02
Fevereiro
2003



Galante

Scriptorin **Candinha Bezerra**
FUNDACÃO HÉLIO GALVÃO

Caboclinho & Cabocolinho

Sandro Guimarães de Salles

O Caboclinho
pertence à categoria
denominada por
Mário de Andrade de
"Danças Dramáticas",
ou seja, as danças
populares nas quais
há cortejo e
dramatização.

Matruá - grupo de mestre Anísio

Labim/UFRN



O Caboclinho utiliza bombo, surdo ou caixa e gaita (flauta reta)

Consiste em um folguedo popular de representação da cultura ameríndia encontrado nos estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. A habilidade dos dançarinos e o virtuosismo dos seus músicos são algumas de suas características.

Os primeiros estudos sobre o Caboclinho datam do final da década de 1920.

Época importante para o movimento nacionalista de música, que via nas melodias e ritmos étnicos fonte de inspiração para elaboração de uma linguagem sonora brasileira. Sendo um dos líderes deste movimento, Andrade, fez, na Paraíba e na zona dos engenhos do Rio Grande do Norte, os primeiros registros dessa manifestação. Tempos depois, tendo assumido a direção do Departamento de Cultura de São Paulo, o poeta modernista envia uma equipe com o objetivo de catalogar a cultura popular do Norte e Nordeste do Brasil. O projeto, batizado de Missão de Pesquisas

Folclóricas, faz, em 1938, novos registros desse brinquedo na Paraíba. Passados alguns

anos, em 1945, o antropólogo francês Roger Bastide, em seu livro *Imagens do Nordeste Místico em Preto e Branco*, documenta o Caboclinho no Carnaval do Recife. Apesar desses primeiros registros, é só a partir de 1947 que o tema vai ser estudado com mais profundidade, por Mário Melo e Renato Almeida. Em 1954, Câmara Cascudo o relaciona em um dos verbetes do *Dicionário Folclórico Brasileiro*. Há um consenso, na maioria dos estudiosos deste folguedo, com relação à importância dos autos jesuíticos em sua origem. O Caboclinho seria, portanto, a continuação das danças que os jesuítas teriam "inventado" para melhor catequizar os índios. Esta ligação feita por vários pesquisadores com os autos se apóia, principalmente, no tão citado relato do padre Fernão Cardim, o qual, em 1584, menciona uma

dança realizada por crianças indígenas em homenagem a um padre visitante. Além deste, existem vários

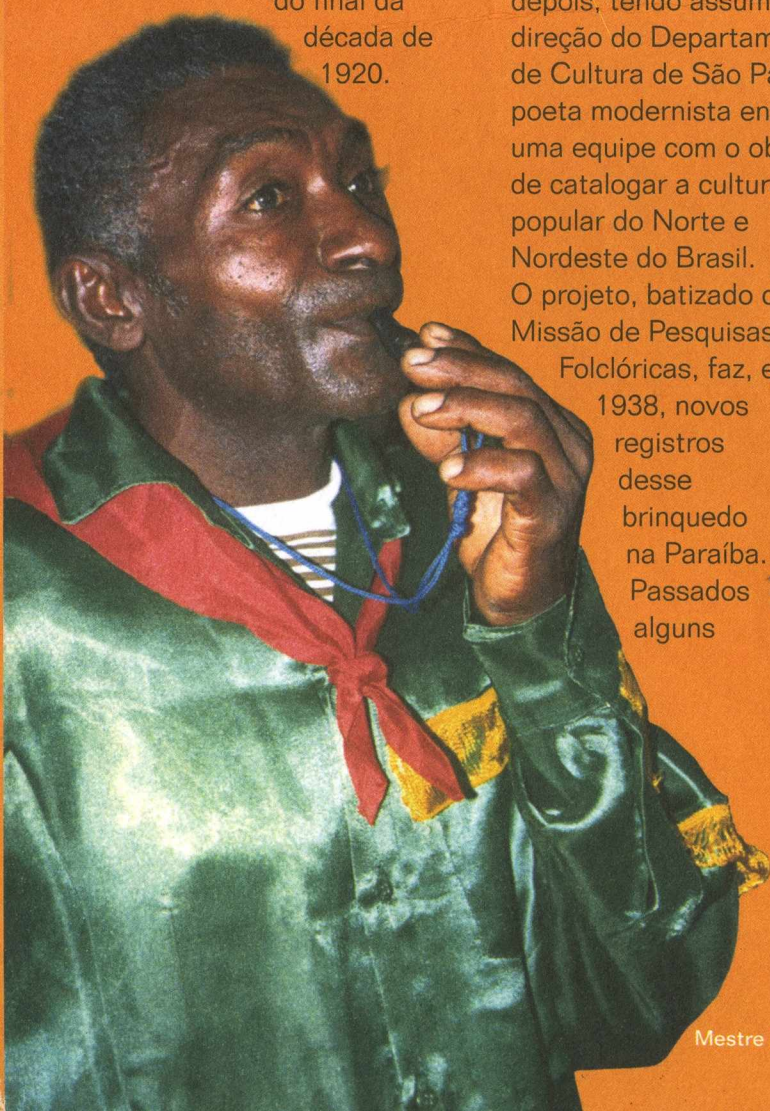


Brincante do Caboclinho de mestre Anísio

relatos de danças mencionadas como sendo o antepassado do Caboclinho: em 1760 foi apresentada uma "Dança dos Meninos Índios com seu arco e flecha", na ocasião da coroação de D. Maria I. Anos mais tarde, na festa comemorativa do

nascimento do seu primogênito, foi apresentado um bailado de "Índios Caçando com Pardos e Congos". Há, ainda, um relato de 1818, de uma festa em virtude da aclamação de D. João VI, no Rio de Janeiro, em que foi apresentada uma "Dança de caldeireiros vestido de caboclo".

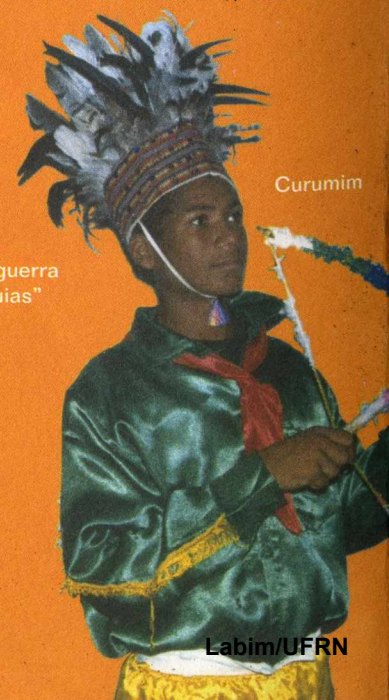
Na verdade, não só o Caboclinho, mas várias danças inspiradas na cultura indígena, a maioria, inclusive, já extinta, foram apontadas como sendo uma continuação desses antigos bailados. Algumas dessas são: os "Caiapós", registrados nos estados de São Paulo e Minas Gerais; a "Dança-dos-Pagés", no Ceará; a "Dança-dos-Tapuias", em Goiás; a "Dança dos Caboclos", na Bahia e no Ceará; e as "Tribos de Índios", em Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Assim como o Caboclinho, esses



Mestre Manoel Clemente



Encenação da guerra contra os "tapuias"



Curumim

folgedos foram incluídos em um subgrupo denominado por M. de Andrade de Danças Dramáticas de Inspiração Ameríndia. Dentre essas, as Tribos de Índios são as que mais se assemelham ao Caboclinho. Tanto que nem a Missão de Pesquisas Folclóricas, nem o próprio autor de Macunaíma fizeram distinção entre ambas. Ainda sobre a origem do Caboclinho, o pesquisador pernambucano Roberto Benjamim, não descartando a hipótese da influência dos autos, afirma ser o folguedo uma elaboração do povo mestiço, na qual foram utilizados elementos visuais e literários do romantismo indianista, traços da cultura indígena derivados de cultos semi-secretos e elementos da cultura africana. A música do Caboclinho é inconfundível. Nela é refletido o caráter tri-racial deste brinquedo: o ritmo contramétrico, por exemplo, produzido pelos diversos tipos de membranofones (instrumentos de membrana) utilizados nos Caboclinhos do Nordeste, é de influência africana. Estes instrumentos (bombo, surdo ou caixa), no entanto, são de origem portuguesa. Sua difusão no Nordeste teve início no final do século XVIII. A gaita, por sua vez, é de

origem ameríndia. A gaita consiste em uma flauta reta, de quatro furos, cuja boquilha é confeccionada com cera de abelha. Esse instrumento era inicialmente feito de taboca (espécie de gramínea). Com a escassez dessa planta, passou a ser confeccionado, principalmente, em alumínio ou cobre. Hoje, no entanto, os instrumentos feitos com esses novos materiais, por serem mais resistentes do que a flauta de taboca, são preferidos pelos gaiteiros. Os ritmos e os instrumentos utilizados variam de um grupo para o outro e, mais ainda, de uma região para outra. Todos os grupos, no entanto, utilizam algum tipo de membranofone. Já os idiofones, instrumentos como maracá ou caracaxá, típicos dos Caboclinhos de Pernambuco, não são utilizados nos grupos do Rio Grande do Norte. De todos os instrumentos registrados nos Caboclinhos do Nordeste, apenas a *gaita* e a *preaca* (idiofone em forma de arco e flecha) são comuns a todos os grupos, podendo ser apontados como instrumentos típicos deste folguedo. Em todos os grupos, a melodia da gaita apresenta aspectos

musicais muito semelhantes: parte de uma estrutura básica, uma frase curta, sobre a qual é desenvolvida uma série de variações, ricas em ornamentação e improviso. Cada gaiteiro tem o seu estilo próprio de tocar, criando e recriando os temas em um espetáculo de criatividade e virtuosismo. No Rio Grande do Norte, a tradição do Caboclinho é mantida no município de Ceará-Mirim, localizado a 40 Km de Natal, na zona de engenhos. Atualmente existem dois grupos na cidade: o do Mestre Manoel Clemente, o mais antigo, e o do Mestre José Anísio. Esses Caboclinhos ou Cabocolinhos (os dois termos são empregados na região), são constituídos dos personagens: Mestre, Matruá, guias, contra-guias, Porta-Estandarte e Pero-Mingu (curumim). Os demais brincantes são os instrumentistas e os componentes dos dois cordões. Os cordões consistem em duas filas paralelas, composta, cada uma delas, por dez ou mais figurantes. Esse número depende da

quantidade de brincantes que trás o caboclinho. A indumentária desses grupos, na qual predominam cores fortes e contrastantes, consiste basicamente em calça comprida, camisa de

Galante
Scriptorin **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO
Fone: (84) 211-8241/fax: 211-8790
www.proj-nacaopotiguar.com.br

Direção Artística e de Pesquisa
Dácio Galvão

Fotografias
Candinha Bezerra

Colaborador
Sandro Guimarães de Salles
Etnomusicólogo

Programação visual
CO2 COMUNICAÇÃO

Primeira Forma

Gaita

mangas longas, de tecido brilhoso, "capacete" (espécie de cocar), "tanga" (peça usada sobre a calça) e tênis. Todos usam a mesma indumentária, com exceção do Matruá, que se fantasia de palhaço. As loas são um dos pontos altos da apresentação. São versos declamados, não cantados, que narram feitos heróicos. Derivam dos autos populares trazidos pelo



Curumim



Mestre José Anísio
Ceará-Mirim(RN)

colonizador português e adaptados pelos jesuítas em seus trabalhos de catequização dos indígenas. Esses dramas populares portugueses são reminiscências de velhos romances históricos, mouriscos, cavaleirescos, novelescos e marítimos, que aqui foram adaptados a elementos da cultura africana e indígena. Nos Caboclinhos de Ceará-Mirim, as loas são ditas pelos Guias, Contra-guias, Mestre e Pero-Mingu. Os versos narram uma guerra contra os "tapuias", a tribo inimiga. Essa

batalha é dramatizada por uma luta entre os dois cordões, denominada parte da Guerra.

Além da Guerra, a apresentação é constituída, principalmente, das seguintes "partes":
Primeira Forma,

freqüentemente em Natal. Atualmente, devido a mudanças estruturais e institucionais e, principalmente, a falta de apoio, as apresentações são cada vez mais raras. Contudo, urge a necessidade de se preservar, valorizar, redescobrir essa tradição.



Brincantes do Caboclinho de mestre Anísio em formação de cordões

Arco ou Cipó, Capão, Baiano, Lançadeira e Despedida. Na época do Mestre Sebastião, por volta da década de 1940, o Caboclinho mais antigo de Ceará-Mirim contava com um número de participantes até quatro vezes maior do que tem hoje. Além dos carnavais da cidade, o grupo apresentava-se

De escutarmos, com muita atenção, a gaita de Seu Manuel e as estórias de Seu Luiz. De aprendermos o que o Caboclinho tem a nos dizer sobre nossa cultura, nossa história, sobre nós mesmos e, principalmente, aprendermos a cuidar melhor desse nosso precioso patrimônio imaterial.

P R O J E T O
N A Ç Ã O
Potiguar

UP UNIVERSIDADE
POTIGUAR

www.unp.br

Nossa cultura, nosso saber.

GRAVAÇÃO NO CD CABOCLINHOS PROJETO NAÇÃO POTIGUAR

Vocês me chamam caboclo
Eu não sou caboclo não
Vocês me chamam caboclo
Eu não sou caboclo não
Bis: Mas foi o sol que me queimou
Lá no alto do sertão
Olé Olé Olé Olé
Olé Olé Olé Olé
Bis: e os caboclos pega a flexa
Os caboclos pega a flexa
Vai ao campo Guerrear
Os caboclos pega a flexa
Vai ao campo Guerrear
Bis: Pega a Faca e o punhal
Põe as bala no bernal
Olé Olé Olé Olé
Olé Olé Olé Olé
Bis: e os caboclos pega a flexa
Nós somos os caboclinhos
Das matas do Paraná
Nós somos os caboclinhos
Das matas do Paraná
Bis: Viemos a Ceará-Mirim
Para brincar no carnaval
Põe as bala no bernal
Olé Olé Olé Olé
Olé Olé Olé Olé
Bis: e os caboclos pega a flexa

FALA DE GUIA

1 Guia: Nada nada meus filhos
Prendei se não puder prender
matai
Que a morte que vos fizeste
Vossas, costa tem que levar
Mas nos todos há de se vingado
Daquele nosso parente
Aquele que o judeus pegou
E pelou na água quente
E eu conheço os sentimento
Boto o arco em levantamento
2 Guia: Andei em altos
mombeste
E também valente mundo
E pior quando se apanha
Como toda sua gente junto
Mas nós vamos dar emboscada
Lá no pédaquela serra
Onde os tapui vão a caça
Lá mesmo formemos guerra
Os zaguinos nos trazem
Seus agachados motins
Vencemos esta peleja
E temos festa de caim
1 Guia: Olá meus fidalgos todos
Estejam todos preparados
Para hoje entrarmos em guerra
Com os tapui alevantado

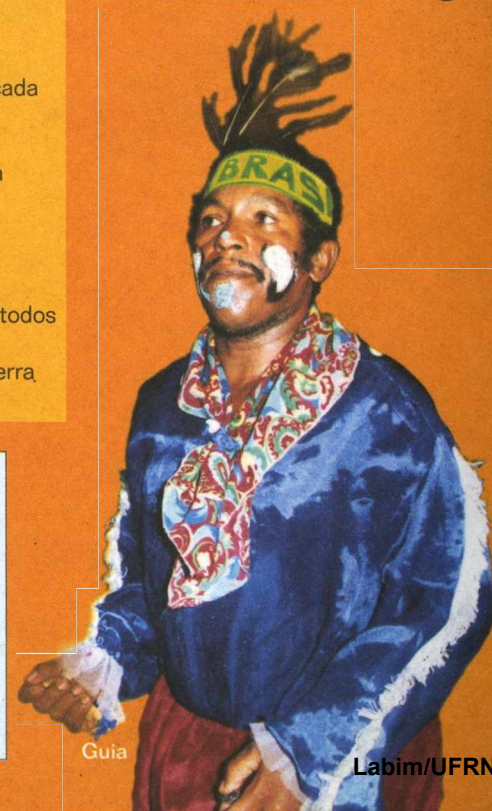
Quando pronto os vossos arcos
Aqui que a quasta quara
Só pra vê enquanto está
Esta nossa tapuijara
Meus filhos ficam alegre
Quando me verem jordan
Partimos com todo valor
Que é tempo de guerrear
Mestre olá parar com tanta
guerra e essa aqui nesse lugar
1 Guia sinhô sim meu gênio tão
grande subliblia
três dias alevantado recebendo
vosso mandado

2 Guia: Tanta razão tem meu
gênio tapuí seu capitão
pegou um soldado meu e pelou na
água quente
e ou com esse sentimento boto o
arco alevantamente

Mestre: Tipoje aço e monbe
levantavois meus filhos
Se hoje não fosse tão grande dia
Minha raiva eu vingaria minha
fidalguia
Meu patete esta sou filho do
velho mantrua
Procedido dessa linhagem mato
vocês todos ó
Cambadinha todos dessa viagem
Mas se houver algum remorso
meu arco meu
Cutelo mau alfange. Tudo há de
opor com que
Com mil quixabassu governador
da aldeia de aritu
Brejo pega siri camarão javaci
babadi da serra
Tão conhecido. Não conheces
cambadinha toda
Que de vocês todos são
governador.

Inhó inhó tem

Pero-mingu: Senhô seu capitão
não faça ponto torto
Flexa no ar e tapui morto



Guia